

## Segunda-feira rescaldada

*Por Raiany P. Gremes*

Uruguaiana, 16 de março de 2020. Atravessando a avenida extremamente vazia depois do carnaval, caminhando em direção ao supermercado, percebo que está coberta de lixo. Sinto o cheiro da urina dos homens que mijaram pelas calçadas. Há copos de plásticos, latinhas de refrigerante, garrafas de cerveja, confetes e serpentinas espalhadas pelo chão. Me pergunto: onde todos estão agora? Penso que as pessoas também são vazias, incluindo eu; precisam de três dias para extravasar tudo que sentem e depois retornar à rotina do cotidiano, que é exaustiva e repleta de obrigações.

Pronto, precisamos voltar às regras, e a cidade permanece suja, poluída, um caos. Um caos bem parecido com a mente humana, que não percebe, na maioria das vezes, o que está debaixo dos seus olhos. Agora, estou passando perto da rodoviária. Sigo vendo a sujeira, alguns cartazes colados no Obelisco, um deles dizendo: “O isolamento social não pode te afastar de Deus, mas o pecado sim”. Só consigo pensar no isolamento social que não foi feito pela maioria das pessoas, e nos meus pais religiosos e conservadores adeptos desse pensamento. Nosso carnaval, que é fora de época, aconteceu logo após ser anunciada a pandemia, e a cidade só foi sitiada depois que o carnaval acabou.

Eu, de casa, assisto às notícias numa penosa agonia. Não compreendo como as pessoas não têm amor à vida. Com os olhos marejados, o coração acelerado, necessito encontrar pessoas que compartilhem do mesmo pensamento que eu. Talvez elas sejam poucas, talvez eu não esteja tão certa sobre o que penso. Preciso de afirmações concretas. Tenho receio de perder um parente ou ser responsável por transmitir coronavírus para alguém. Não é nada contra o carnaval, carnaval é cultura. Só reflito, de alguma maneira, o que as pessoas fazem com a cultura.

Volto a observar a avenida. Longas quadras continuam sujas, levando-me para pensamentos distantes dali. Pergunto-me porque o carnaval não me empolga. Minha família nunca frequentou as festas carnavalescas tão prestigiadas aqui. De fato, pouco conheço a cultura do carnaval, talvez não deva criticar. Olho para as arquibancadas. Parecem frágeis. Imagino algumas pessoas caindo, devido à notícia



publicada nos jornais. A terceira noite de carnaval foi cancelada, o corpo de bombeiros realizou uma inspeção e não liberou as estruturas. Falou-se muito dessa questão, falou-se pouco sobre a pandemia.

Vejo aglomerações de carros de todos os lados na avenida. Algumas pessoas amontoadas, tentando atravessar para o outro lado. Me sinto tonta, o sol está muito quente. Chego à conclusão de que preciso voltar para casa, pois os pensamentos repetitivos e acelerados não param. Lembro-me que, durante a minha adolescência, não participei do carnaval porque meus pais e minha família não permitiriam; porque algum namoradinho machista falou que eu não deveria me expor de tal maneira. Mas também por ser insegura com o meu corpo.

Talvez tenha crescido em minha cabeça a ideia de que o meu corpo não é perfeito, como o corpo das rainhas que representam as escolas de samba, de que talvez aquele não fosse o meu lugar. Confesso que, muitas vezes, assistindo da arquibancada, eu quis ser uma daquelas rainhas padrões com o corpo considerado perfeito. Então, surgem mais perguntas: por que sou tão insegura com o meu corpo? Não saio no carnaval por que uma parte da sociedade consideraria pecado, incluindo os meus pais?

Falta-me um pouco o ar, preciso sentar e respirar. Ainda faltam longas quadras para chegar em casa.

